

A BATALHA



DEP. LEG.

Director inferior: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

O problema da unidade sindical

Liquidado o incidente lamentável que, sem proveito para a Organização Operária, se arrastava nas sessões do antigo Conselho Confederal, o ambiente começou a tornar-se mais respirável no seio da G. T. A actual comissão administrativa, norteada pelos seus princípios revolucionários, empenhou-se em trazer novamente para actividade sindical os elementos de trabalho e os sindicatos, que, por divergência de ideias, por questões de detalhe se haviam afastado da central dos sindicatos.

A C. G. T. é basicamente um organismo de classe e por isso mesmo será tanto mais forte quanto maior for o número dos seus aderentes. Estes, emprestando força à Confederação fortalecem-se por sua vez, porquanto na união solidária de todos os organismos reside a sua grande força.

Alguns dos sindicatos que se afastavam por uma questão de divergência de táticas têm o seu lugar vago e marcado no Conselho Confederal. Purificado o ambiente no futuro conselho, norteada a acção por um princípio de mútua tolerância, estereis discussões antigas esquecidas, olhos postos no futuro, porque não regressam esses organismos ao seu posto?

Discussões de tática sempre existiam no seio da organização. E elas nunca foram motivo de divisionismo nem de malquerenças. Está bem que lute cada um por fazer triunfar o seu ponto de vista. Essa luta é natural, é humana. Mas os factos têm demonstrado que sempre que se leva essa discussão até a máxima irreductibilidade é a organização quem sofre, é o proletariado quem suporta os prejuízos. O divisionismo, temo-lo verificado no decorrer do tempo, não cria vencedores, cria vencidos—que são ambos os contendores.

Neste momento em que uma rajada de bom senso parece soprar sobre os organismos do proletariado, será possível alcançar-se a unidade sindical que traz ao operariado a força e o prestígio que merece?

Eis um assunto que merece ser ponderado, estudado, desapassionadamente. A Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa já começou a ocupar-se dele e temos a impressão de que alcançará o seu desideratum. A unidade sindical preocupa o espírito dos seus delegados. Todos a desejam, não só os que estão na organização central como os que se conservam afastados. E se é lógico que se trabalhe no sentido de unificar os sindicatos de Lisboa porque não encetar idénticos trabalhos no sentido de unificar todo o proletariado do país?

Parece-nos que, sem quebra dos princípios de cada um, a unidade sindical será possível desde que todos andem de boa fé e animados de um benéfico espírito de tolerância.

Iniciemos uma nova era de actividade, lutemos pela dignificação e pelos interesses da classe operária que devem estar acima de todas as seitas e de todos os grupos.

O que se vai ler no número do Suplemento de "A Batalha" que amanhã se publica

Os assuntos da actualidade ocupam a maioria das páginas do número de amanhã do Suplemento de A Batalha.

A luta e a mulher empalideceram a estrela fascista e esse facto tornou-se o tema de uma dissertação de Cristiano Lima.

A decadência vergonhosa do teatro contemporâneo é estigmatizada com um profundo conhecimento da questão.

Os devotos de Santo Humberto e o nervosismo e um "desporto" são justamente apreciados por Alfredo Marques.

A guerra santa dos chineses ao imperialismo estrangeiro é o assunto que enche a "revista internacional" da presente semana.

A perda das raparigas pelo ambiente social é demonstrada com grande verdade pelo professor Ladislau Batalha.

A falta de uma educação sábia é considerada por Nogueira de Brito o factor da criminalidade.

A literatura tem igualmente o seu lugar nas colunas do nosso Suplemento.

Mário Domingues continua a sua novela curta História de um homem que viveu no século XXI e Jesus Peixoto fala-nos de ideias gerais do teatro.

A figura de Neno Vasco, o inolvidável e malogrado militante anarquista é lembrado com largueza e documentação.

As habituais secções e várias gravuras completam o interesse do número de amanhã do suplemento de A Batalha.

O proletariado da província, que luta com a miséria, tem de iniciar a sua enérgica defesa

Nas terras onde os produtos se criam, chegamos a atingir preços fabulosos que nada justifica

Todos os dias os nossos correspondentes da província nos relatam quão difícil se está tornando a existência para o povo trabalhador. O custo da vida está insuportável. Em lugares onde o produto se cria o produto encarece a olhos vistos. As autoridades têm sido impotentes ou relapsas perante os abusos condenáveis do comércio explorador. E o povo cala-se, suporta tudo com uma vexatória, humilhante resignação crista.

Uma surda irritação contra este estado de coisas lavra já em alguns pontos do país. O povo trabalhador começa a sentir que os açambarcadores sem escrúpulos o estão achando mole e vão carregando. O operariado franze o sobrepeito. No Porto já iniciou os seus justos protestos e em breve o seu movimento alastrará por todo o país porque todo o país está a saque.

Urge que os organismos operários da província se ocupem a valer deste problema, quanto antes, canalizando a indignação do povo para um protesto tão humano quanto justo, contra a exploração de que estamos sendo vítimas.

Aos sindicatos compete estudar este assunto melindroso que tanto interesse está merecendo ao proletariado. Convém que ponderem a maneira mais prática de dar combate eficaz ao mal que a todos aflige.

E' preciso mostrar aos exploradores que o povo consumidor não está disposto, do norte ao sul do país, a deixar-se roubar sem defender-se enérgicamente.

A crise de trabalho, assunto que tantos pontos de contacto tem com o da carestia da vida deve ser também ventilado nas reuniões do proletariado para que os organismos centrais possam, num trabalho seu, sintetizar as aspirações do operariado em relação aos dois importantes problemas.

A situação é tão aflitiva que não se compadece de demoras. Quanto mais tarde o operariado iniciar o seu movimento de resistência contra a carestia, mais os açambarcadores sem escrúpulos a agravarão.

FRANCISCO VIANA

E' hoje que se realiza no S. U. Metalúrgico a homenagem póstuma à sua memória

Realiza-se hoje, pelas 16 horas, uma sessão de homenagem póstuma promovida pela comissão administrativa do Sindicato Unico Metalúrgico ao falecido militante metalúrgico, que à organização operária e ao proletariado prestou relevantes serviços.

Durante a sessão será inaugurado na sala do sindicato o retrato do homenageado. A comissão administrativa do referido sindicato convida todos os sindicatos a fazerem-se representar, assim como convida o proletariado a assistir e em especial os operários metalúrgicos.

Nunca será demais encarecer as belas qualidades morais de propagandista daquelle falecido camarada.

Recordamos as palavras, transcrevendo-as, que A Batalha sentidamente publicou por ocasião da sua morte, em 12 de Março do corrente ano:

"As suas vastas qualidades de trabalho perpassam através das páginas da história dos últimos anos do movimento operário português. Muito honesto, muito honestidade por vezes ingenua, a sua voz erguia-se sempre que era preciso estigmatizar uma injustiça, o seu conselho amigo era sempre emitido quando mister se tornava amparar alguém que o desalento focasse.

Ele, que na sua modestia nunca invocou os seus muitos serviços prestados à causa, talvez, se pudesse, nos manifestasse o seu desagrado por aqui os lembrarmos. Fazemo-lo, porém, especialmente, como um incentivo aos novos.

Francisco Viana de muito novo manifestou sua inclinação para a defesa dos ideais libertários.

Em 1906, o rigor da lei de 13 de Fevereiro, a crise de trabalho e o seu grande desejo de conhecer o estrangeiro, levaram-no a emigrar para a América do Norte, onde fez parte de algumas associações operárias.

De volta a Lisboa, em 1913, militou na antiga Associação dos Forjadores, até que, dissolvida esta ingressou na dos Serrallheiros, sempre com o maior ardor e crescente entusiasmo, tomando em nome desta assento no 1.º Congresso que deu existência à primeira Federação Metalúrgica. Nesse mesmo ano, quando do cortejo camoneano e, após o rebeitar dum petardo sobre o cortejo, o que deu azo a algumas cargas da força pública sobre os circunstantes, Francisco Viana foi vítima duma violenta agressão

Mostre o proletariado que sabe defender-se com energia.

A carestia da vida está insuportável no Barreiro

BARREIRO, 16.—A crise de trabalho, aliada à subida vertiginosa dos géneros de primeira necessidade, estão sobressaltando o povo desta vila.

De hora a hora os preços variam, elevando-se, e é ver quem mais caro pode vender, quem bate o record da carestia, num louco desafio.

Os indesejáveis trabalhadores têm de sofrer as arremetidas do honrado comércio, que nova ocasião encontrou para lucros de 100 % e mais.

A fome alastra e, como é má conselheira, não devemos estranhar que a virtude desapareça.

O povo que trabalha não tem culpa do aumento fiduciário, que serve de desculpa ao latrocinio legislativo. O povo quer trabalhar e negam-lho; quer alimentar-se, para viver, porque a isso tem direito, e não tem com que mitigar a fome e ao que trabalha não lhe chega o escasso resultado desse labor para uma alimentação regular.

O pobre, honrado e humanitário industrial reclama a baixa de salários e o aumento do horário de trabalho, visto que os poucos lucros, 300 %, lhe não chegam para atirar com o luxo desconexo à cara dos seus escravos.

Alfredo da Silva, o soba da União Fabril faz subir o preço do azeite dia a dia, estando já a nove escudos, quando o que mais caro adquiriu, o de melhor qualidade, foi a quatro escudos e cinquenta centavos.

Não sabemos o que o governo pensa fazer, que medidas tenta tomar, a fim de evitar que pereçam pela fome os indesejáveis trabalhadores e suas famílias. Notamos, no entanto, que a morosidade nessas providências dará azo a esses indesejáveis, tuberculizando-se, terem de mudar a residência definitiva para os cemitérios e aos honrados assambarcadores o tempo necessário para quintuplicarem o recheio das suas barras.

Problema vital que tem de ser estudado, sem delongas, por quem de direito, ou, em segunda instância, dada a ineficácia da primeira, pelos espóliados, pelos sacrificados ao Deus-Ouro. E não há que estranhar que a miséria leve a multidão a actos considerados menos legais. O espírito de conservação a tudo obriga.

Em Paio Pires há géneros que subiram 100 %

PAIO PIRES, 16.—O povo desta região encontra-se alarmado pela forma como vê de dia para dia subirem os géneros de primeira necessidade. Há géneros em que já se nota um aumento de 100 %, outros 50 %, tais como o azeite, a batata, o feijão, etc. Não há quem compreenda os motivos que dão lugar a tão desenfreada roubalheira, pois que os rurais auferem presente-

mente um mísero salário de 8\$00 e 10\$00 diários que mal lhes chega para matar a fome a si e aos seus.

Em Lamego estão-se açambarcando os géneros de primeira necessidade

LAMEGO, 16.—Dia a dia vimos os preços dos géneros alimentícios mais necessários à alimentação das classes produtoras agravando-se.

Se nós operários, nos deixarmos arrastar nesta encurrada do ganho, da ganância, do açambarcamento, seremos amanhã lançados sem consideração para a miséria, para a doença e para a morte, e bem assim as nossas companheiras e filhos.

Por ser hoje dia de mercado, podemos presenciar o criminoso açambarcamento de géneros que iam dirigidos para a Praça Miguel Bombarda, entre eles a batata que foi assaltada por um bando de negociantes, os quais ofereceram mais dinheiro que rendia na Praça aos lavradores e, por consequência, compraram grandes quantidades deste tubérculo que fez bastante falta na Praça. Sabemos que as posturas municipais proíbem o negociante comprar qualquer género na Praça ou que venha para a Praça antes do meio dia; que fazem os fiscais da Câmara?

Se não repararm pelos seus mais elementares deveres, então fiquem em casa.

A batata já custa os 15 quilos 10\$00; a farinha de milho os 15 quilos 18\$00; o arroz subiu 2 e 3 tostões; o azeite o litro 10\$00; e assim todos os géneros.

Enquanto sobem os preços dos géneros mais necessários à vida, os salários descem como por exemplo os dos trabalhadores rurais que ganham 3\$00 por cada manhã que é o trabalho que lhes dão os proprietários.

Em Setúbal assalta-se impunemente as algebeiras dos consumidores

SETUBAL, 17.—Os ladrões a que o vulgo dá o nome de comerciantes, em Setúbal, andam desenfreados, roubando o desgraçado consumidor duma forma espantosa e descarada.

A te-lar o que afirmamos está a maneira porque os géneros de primeira necessidade têm subido de preço. Por exemplo o azeite que há bem pouco tempo era vendido por 6\$00 o litro vende-se agora ao preço de 9\$00 e 9\$50.

O toucinho que também se vendia ao preço de 6\$00 e 7\$00 cada quilo custa agora 10\$00 e o chouriço também aumentou aproximadamente 3\$00 em cada quilo.

Um quilo de batatas que há pouco mais de uma semana se comprava por 50 centavos custa agora 90 centavos, isto é, um aumento de 100 %, aproximadamente.

A par-dêles, todos os outros géneros de primeira necessidade têm subido constantemente de preço, e segundo parece estão com tendência para subir mais, se não houver quem ponha termo a este vergonhoso estado de coisas.

Vai realizar-se em Belém uma grandiosa festa em favor de "A Batalha"

As manifestações de apoio ao órgão dos trabalhadores são inúmeras. Para evitar o desaparecimento de A Batalha trabalha-se activamente em toda a parte. Estas provas de solidariedade animam-nos a prosseguir na cruzada que empreendemos há sete anos.

O Grupo Dramático de Belém e a Sociedade Musical Instrução Libertada promovem no dia 26 do corrente, na sede deste último organismo, uma grandiosa festa de homenagem ao nosso jornal.

Para essa festa foi escolhido um admirável programa que consta da representação da peça em 1 acto "Degenerados", da comédia "Almas do outro mundo" e de um acto de variedades.

Os bilhetes estão à venda na rua Paulo da Gama, sede das secções sindicais.

Notas & Comentários

Cousas da vida

Em Barca de Alva, ao atravessar a fronteira, a policia desconfiada deteve um homem suspeito que levava as algebeiras cheias de brilhantes. Era uma prisão sensacional. O homem veio parar à esquadra das Múnicas e o meio quilo de joias foi-lhe apreendido. O desgraçado chorou a sua pouca sorte, visto que por pouco não encontrara a felicidade e a policia esfregou as mãos de contentamento pelo seu triunfo. Era diamantes negros, o que a policia descobriu nas algebeiras do fugitivo. Mas, pelo sim, pelo não, mandaram examinar por técnicos os preciosos objectos. Resultado da análise: cacos de garrafas. A policia mordeu-se de despeito e o homem exultou por ver-se livre daquela fortuna...

IMPRENSA

Boletim da Agência Geral das Colónias
Recebemos o n.º 15 desta publicação, tratando muito desenvolvidamente de assuntos coloniais.

O CASO DOS ESTUPEFICANTES

Enquanto o dr. Drumond Borges gosava duma protecção vergonhosa, a policia metia na cadeia os empregados de farmácia que avizavam as receitas daquele clinico

Um delinquente que pretende passar por santo—Como se pulverizam as mentiras do doutor—Um erro imperdoável dum juiz—A nova clientela de um médico ou a arrogância de um desequilibrado

A farmácia do sr. Custódio Pinheiro foi o ponto onde ontem detivemos a nossa narrativa sobre o caso daquela senhora morfomaníaca, que reside no bairro de Campo de Ourique. Tínhamos referido o leitor por essa vereda sombria em que a convivência do dr. Drumond Borges transpassava nos mais pequenos detalhes.

E por essa vereda o leitor foi verificando que, há muito tempo, aquele clinico sabia que sua esposa estava atacada da perigosa enfermidade que é o vício da morfina. Todavia aquele médico não tomava as medidas que o caso requeria: ou internar a esposa num estabelecimento de saúde ou dar as necessárias ordens para que não lhe fosse fornecido o terrível alcaloide.

O dr. Drumond Borges não tomou essas medidas comessinhas. Entendeu, quando o caso entrava nos domínios do escândalo, apresentar queixa ao seu amigo particular dr. Teixeira Direito, director interino da Polícia de Investigação Criminal, o que levou este juiz a ordenar a prisão de dois empregados da farmácia do sr. José Bento de Almeida e mais tarde do farmacêutico sr. Custódio Pinheiro, nas condições que ontem relatámos.

A desorientação do dr. Drumond Borges

Depois destas prisões e em virtude da imprensa levantar uma pontá do véo, o dr. Drumond Borges veio até a alguns jornais e disse que ignorava que sua esposa se injectava de morfina e que não era verdade o farmacêutico Frazão, da rua Maria Pia, o ter informado do vício de sua mulher.

Mas o dr. Drumond Borges nem unidade deu à mentira. Nesses jornais disse que ignorava o vício de sua esposa, enquanto noutros afirmava que quando, há cerca de dois anos, teve conhecimento das falsificações cometidas por sua esposa tomou as providências convenientes para lhes pôr cobro, tendo percorrido as farmácias da área do Rato e especialmente aquelas onde a sua assinatura não era bastante conhecida, para pedir que não aviassem receitas em seu nome.

Então, o dr. Drumond Borges conhecia ou não que sua esposa era morfomaníaca? Se conhecia porque não tomou as providências necessárias para evitar que sua mulher se utilizasse das receitas do seu consultório?

Admitamos, porém, que era assim. Como explica então o dr. Drumond Borges a existência daquela receita assinada por seu punho e que está em poder do farmacêutico sr. Castro Fonseca?

O dr. Drumond nem explica este facto nem prova que tivesse avisado os farmacêuticos da área do Rato para não aviarem as receitas assinadas por seu nome. E não somos nós que o dizemos, são os farmacêuticos com quem falámos, entre eles o sr. José Bento de Almeida, cujo pessoal foi preso, que o afirmam. Ouçamos, por exemplo, o que nos disse este senhor:

Nenhum farmacêutico foi avisado para não aviar as receitas falsificadas

—Eu estava fora quando o meu pessoal foi preso. Vinha em viagem, quando se me deparou num jornal da manhã o caso. E' claro que fiquei surpreso e bastante indignado.

Preguntámos depois ao nosso amável interlocutor se o dr. Drumond Borges alguma vez o tinha prevenido para não aviar as receitas com a sua assinatura. E a resposta foi esta:

—Não, senhor. A mim nunca o dr. Drumond Borges me preveniu. De resto eu pouco o conhecia.

Há uma outra afirmação que não pode passar em julgado: é aquela feita pelo dr. Drumond nas colunas da Batalha de que o farmacêutico Frazão não o tinha avisado da doentia paixão de sua esposa, como nós afirmámos.

Para provarmos tudo quanto dissemos vamos arquivar nas nossas colunas o depoimento dos srs. Fernando José de Carvalho e Jaime Pires, feito na farmácia do sr. Custódio Pinheiro.

Como se pulveriza uma mentira

—Num dia que não podemos precisar encontrámo-nos neste estabelecimento com o sr. Frazão. Como era o assunto do dia falou-se no uso desmedido que D. Júlia Mesquita Borges fazia das empolas do "pantopon". E o sr. Frazão informou-nos do seguinte: "olhem, meus amigos. Eu avisei o dr. Drumond Borges que recebia inúmeras receitas assinadas por ele. E sabem o que ele me disse? Que querê voce? E' um vício que ela tem—referia-se a sua esposa, D. Júlia Mesquita Borges—e que eu não consigo destruir."

Para que não houvesse de nossa parte uma indiscreção, perguntámos aos nossos informadores:

—Posso utilizar-me da vossa declaração? E a resposta aquiescente não tardou:

—Faça dela o uso que entender. Das verdades nunca há receio.

Um erro judiciário ou a protecção a um delinquente

Reservámos para último exame o procedimento das autoridades no melindroso caso. Antes de quaisquer considerações seia-nos permitido explicar que não nos mo-

ve o desejo, nem isso é da índole deste jornal, de ver qualquer pessoa na cadeia por cumplicidade no uso de alcaloides. Sabemos que o ambiente social não se purifica com essas panaceias e isto é o suficiente para repelirmos com a mesma repugnância a ideia da prisão como repelimos a ideia do uso de estupeficientes.

Com o que não podemos conformar-nos, todavia, é com o procedimento unilateral das autoridades competentes.

Ordenou-se a prisão de dois empregados de farmácia que no exercício da sua função aviaram uma receita assinada por um médico. Era falsa essa assinatura? Então a esses empregados—êles agora exigido o curso de notário? Um ajudante de farmácia tem que conhecer a autenticidade de uma assinatura?

Parece-nos que não. A não ser que tudo tenha mudado sem a gente ter dado por isso...

Depois, temos aquele caso do farmacêutico sr. Custódio Pinheiro. Este homem foi preso por ser cavalheiro. Quando soube da injusta prisão dos empregados de farmácia foi dizer ao sr. dr. Teixeira Direito que o dr. Drumond Borges sabia que sua esposa se injectava com "pantopon". E como provou o sr. Custódio Pinheiro a sua afirmação? Mostrando ao director interino da Polícia de Investigação Criminal o recetário de empolas pago pelo dr. Drumond Borges!

Já ontem dissemos que o meritíssimo juiz, ao invés do que se esperava, ordenou a prisão do farmacêutico!

Porque aumentou a clientela?

Dessa prisão e da dos empregados d farmácia do sr. José Bento de Almeida resultou a pronuncia pelo crime de venda clandestina de empolas "pantopon", pelo que foi arbitrada aos arguidos a fiança de cinco contos.

Enquanto isto se passava, o dr. Drumond Borges visitava as redacções dos jornais, a-pesar-de estar providíssimo que ele, contra o previsto pela lei, receitava para sua esposa perigosos alcaloides.

E depois ainda aquele clinico não quer que nós digamos que ele é um perigo social! Não quer que digamos essa heresia e para a desfazer vem dizer-nos que a sua avulada clientela aumenta dia a dia.

O que o doutor não nos explicou é de que enfermidade sofrem esses novos clientes...

Mas isto não vai a matar. Ainda há muito para dizer!

Notas várias de actualidade internacional

A política espanhola

Uma nota do governo a-propósito-de Tanger

LONDRES, 18.—Foi apresentada simultaneamente em Londres e Paris uma nota do governo espanhol relativa a Tanger. Nesse documento propõe-se uma reunião de representantes dos governos inglês, francês e espanhol para ser discutida a admissão da Itália num acôrdo sobre o assunto. A nota, porém, não alude à inclusão de Tanger na zona espanhola, mas deixa antever a hipótese de a Espanha apresentar os seus pontos de vista no caso de rebelião em Tanger. Nos meios políticos ingleses não se considera por enquanto oportuna tal reunião, antes se julga que ela não tem razão de ser enquanto a França e a Espanha não houverem liquidado de vez a questão com os mouros.—(H.)

Um acôrdo com a Itália

LONDRES, 18.—O Daily Chronicle anuncia que existe um acôrdo italiano-espanhol sobre a questão de Tanger e a zona internacional.—(H.)

A complicação chinesa

HONG-KONG, 18.—Em consequência das garantias dadas pelo governo de Cantão de proteger as cargas e os passageiros, assegurando a policia do rio, os ingleses retiraram as canhoneiras e o tráfego recommençou no rio.—(H.)

Saúdamo uma educadora

A comissão administrativa da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais de Giesta aprovou na sua última reunião um voto de saúdação à distinta professora D. Vitória Pais, pela maneira brilhante e desassombrada como, no último Congresso Pedagógico, atacou o ensino religioso nas escolas.

O que nós comemos

O operário António Egidio da Silva veio ontem mostrar-nos um bocado de pão comprado na padaria da rua do Sol a Santa Catarina, pertencente à Companhia Nacional de Alimentação, que continha algumas matérias nocivas à saúde e um pedaço de papel.

Comentários, para quê?

ASSINEM Os mistérios do Povo

CARTA DE COIMBRA

Apatifaria dum industrial de padaria—Com vista às autoridades sanitárias

COIMBRA, 17. — Já tivemos ocasião de nestas colunas nos referirmos a um senhor José Luís do Amaral, industrial de padaria em São João do Campo.

Ocupavam-nos deste cavalheiro, pelo facto de ele ter despedido do seu serviço o operário padreiro João Leiria, sem lhe pagar 57500 para cada um, e sem lhe pagar o que lhe pertencia de férias e de férias de mais tempo. Este cavalheiro tornava-se ainda mais revoltante por ter sido feita na altura em que esse operário se encontrava de cama, com uma perna fracturada, doença motivada por João Leiria pretender defender o patrão duma agressão numa desordem, manifestando este a sua gratidão despedindo-o e o seu defensor do serviço e expulso-o ainda na quantia acima mencionada.

Pois este sr. Amaral parece que é useiro e vezeiro nestes actos, pois somos informados de que no pequeno espaço dum mês já praticou idêntica acção com mais dois operários, despedindo-os do serviço e recusando-se a pagar-lhes o último dia em que trabalharam, ou sejam 13500 e um quilograma de pão a cada um.

Os operários, vítimas da ganância deste exemplar patife, são Manuel Ferreira de Carvalho e Salvador António.

E lembramos-nos que para certos exemplares na padaria não aparece um filho de uma velha...

Não é, porém, só por estes factos que este sr. Amaral é digno de elogios.

Há outro caso mais importante ainda a tratar e que interessa todo o povo daquela localidade.

Segundo nos informam, o estabelecimento daquele indivíduo é uma verdadeira esplanada, absolutamente imprópria para se manipular pão para o consumo do público.

Não possui aquela casa as mais rudimentares condições de higiene, pelo que se torna ali verdadeiramente perigoso o fabrico do alimento principal do povo.

A casa não é soalhada. O chão é de areia. O teto é de telha vã, não possuindo o mais pequeno fôrro, não sendo raro dar-se o facto de quando os operários procedem a amassadura da farinha, caírem dentro das amassadeiras calças e muitas das vezes, insectos repelentes. Não se fala ainda de muitas outras imundices que abundam naquela casa, que, pelos vistos, nem para cavalariagem devia servir.

E este um caso para ponderar a quem compete intervir nestes assuntos, pois não é nem pouco ser admissível que uma população inteira esteja sujeita às ignóbeis porcas dum industrial sem escrúpulos.

Um explorador de menores

Mais um cidadão para amarrar ao poste da excreção pública. E um nunca acabar. Nesta corrompida sociedade aparecem-nos todos os dias anomalias a escalar.

Trata-se agora dum explorador do trabalho de aprendizagem da Construção Civil. Este matulão, que outro epíteto não merece, não se envergonha de explorar crianças que a miséria dos pais arremessa cedo para o inferno dos andames, quando a idade deles muitas vezes lhe permitia que ainda andassem na escola a aprender a ler.

Trata-se dum senhor Joaquim Margalho, da Póvoa de São Martinho. Este cidadão exerce por vezes o mister de tarefeiro, ou seja trazer pessoal por tarefas. Como tinha dois aprendizes emprestou-os (!) a um colega, com a condição de este pagar aos rapazes 10500 por dia a cada um. Verificou o patrão que os rapazes estavam ainda atrasados para perceberem aquela quantia e manifestou a sua estranheza aos rapazes, tendo alegado estes que o ordenado não era só para eles, pois que tinham que dar ao mestre Margalho 1 escudo diário cada um!

Edificante! Digam que já não há exploradores de carne humana!

Excursões

Realiza-se hoje o passeio fluvial à São João da Barra, Trafaria e Vila Franca, promovido pela Concentração Musical 24 de Agosto.

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço despendido por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, *A Batalha* carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informes, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 0\$30. A obra mais barata que na história da política

Ainda a fossa da Vila Mendes

O desprezo a que um senhorio vota a saúde pública

Ainda sobre o momentoso assunto da fossa da Vila Mendes, recebemos dos inquilinos daquela Vila a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade:

"Sr. director de *A Batalha*: — Sobre o caso da fossa da Vila Mendes, que tem sido motivo das reclamações por nós formuladas, quer na imprensa que directamente ao sr. sub-delegado de saúde, publica o nosso comum senhorio, sr. Joaquim Mendes Coimbra, no jornal local, *Gazeta de Coimbra*, uma declaração em que são negadas a honestidade e a razão das nossas campanhas.

Por este facto, vimos perante v. reivindicar o direito de defesa, convencidos de que o seu jornal, órgão intemerado e defensor do bem-estar público e dos explorados, não recusará acolhimento às seguintes afirmações, que vimos contrapor às proposições do nosso senhorio, contidas na sua declaração, que nós consideramos um acervo de falsidades:

1.º — O sr. Joaquim Mendes Coimbra, intimado pelas autoridades sanitárias a melhorar as condições higiénicas do prédio de que era senhorio, depois de informado de que, por haver transgredido a intimação daquelas autoridades, lhe fora instaurado um processo que acabava de dar entrada no Poder Judicial, resolveu-se, não a satisfazer as reclamações dos seus inquilinos, que queriam a fossa limpa e herméticamente fechada, mas somente a mandar esvaziar a fossa, o que se fez em condições verdadeiramente condenáveis por anti-higiénicas.

2.º — Somente nos decidimos a chamar para este assunto a interfeirência do sr. sub-delegado de saúde e a orientar a campanha nos jornais — o que ele classifica de *vil procedimento* — quando chegámos ao convencimento absoluto de que o nosso senhorio jamais, voluntariamente, se resolveria a satisfazer as nossas aspirações no tocante à modificação da situação anti-higiénica, que nos criava a fossa onde desaguiam os dejectos, a qual era, e continua sendo, no estado em que se encontra, um perigoso foco de infecção.

Para corroborar o que afirmamos, diremos aos leitores que, sempre que procurávamos o nosso senhorio para o convidar a extinguir o referido foco de infecção, aquele senhor ria um risinho sarcástico amarelo e proferia estas invariáveis frases: — *Vão cheirando, enquanto se não acaba! Quem não está bem, que se mude! Tomara que todos se fossem embora!*

Estas palavras esclarecem-nos acerca do motivo por que o nosso senhorio mandara abrir, a meio da parede da fossa, dois orifícios largos, por onde se escoavam as fezes e se evoluam pestilentas emanções.

3.º — É falso que aquele senhor não haja mandado proceder a obras no prazo marcado pelo sub-delegado de saúde, como alega, por lhe haver fallado o pessoal para aquele serviço contratado, como é igualmente falso que, por tal motivo, somente se haja efectuado dois dias depois, como também alega, o esvaziamento da fossa. Afirmamos que tal trabalho foi realizado, não dois dias depois, mas sete ou oito dias após o término do prazo fixado, a 23 de Agosto, e não por pessoal adrede convidado para tal fim, mas sim por serviços que permanentemente trabalham sob as suas ordens.

4.º — No dia 23 de Agosto, um dos dias do ano de maior trânsito na Estrada de Lisboa, em pleno dia e sob um sol ardente, com grave prejuízo de todos os moradores, num ar de vingança, o sr. Joaquim Mendes Coimbra ordenou o esgotamento da fossa, cujas fezes, em vez de removidas para longe e enterradas, foram despejadas para baixo, para os terrenos da Quinta das Lágrimas, onde ficaram à superfície putrefazendo-se com insuportáveis exalações, a poucos metros do prédio.

5.º — A fossa, ao contrário da afirmação mentirosa do nosso senhorio, continua aberta, resumindo líquidos viscosos e fedorentos que envenenam a atmosfera das nossas habitações. Isto podem comprovar, entre outras entidades, o *repórter* da *Gazeta de Coimbra*, correspondentes de alguns diários, sr. sub-delegado de saúde e outros, que se retiraram, confessando-se indignadíssimos. A prova está em que o sr. sub-delegado de saúde na última visita que efectuou, intimou o senhorio a mandar construir no prédio uma fossa do sistema *maura*.

Por tudo isto, o público que ajuize. Muito gratos ao jornal de que v. é director, pela dedicação com que tem tratado desta questão de salubridade pública, subscrevem-se os representantes das 13 famílias vítimas da avaria dum senhorio.

Coimbra, 17 de Setembro de 1926.
(Seguem-se as assinaturas).

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

"IDEARIO"

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação — Liberdade — Tática — Evolução — Revolução — Violência — Liberdade — Autoridade — Ensayos Filosóficos — Período — Ideias Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmentos Inéditos.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à administração de *A BATALHA*

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos à administração de *A Batalha*

LEDE NO NOSSO FOLHETIM

A Revolução Francesa

Uma obra admirável que todos devem ler

É aquele o título do novo livro que *A Batalha* está publicando em folhetins da colecção "Mistérios do Povo", por Eugene Sue.

Trata-se do último livro daquela soberba colecção, o que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma popular preenhe de aspirações de justiça mais se evidencia e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, romantizar.

Os nossos leitores que não tenham acompanhado os livros anteriores podem, sem prejuízo da obra, iniciar a leitura, visto que cada volume trata duma época histórica e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenroladas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublimidade e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra admirável.

TEATROS INSTRUÇÃO

Teatro Nacional

A peça de Martinez Sierra "Para fazer-se amar loucamente", tradução de Victoriano Braga

Para quem desconheça o que é o teatro espanhol contemporâneo, a representação da peça de Martinez Sierra que Victoriano Braga traduziu literalmente "Para fazer-se amar loucamente..." vem prestar um mau serviço. Esta obra teatral, cuja classificação é difícil de achar, não sendo rigorosamente uma farsa não pertence também à categoria da comédia, alta ou baixa. É um embrião em que se destaca principalmente a desconexão, uma *verve* forçada e até uma técnica deficiente, onde nem sequer os velhos processos de fazer teatro têm lugar.

O público do Nacional sentiu-se mal, ouvindo esta peça, depois do agrado que lhe causaram "Os Filhos" e "Se eu quisesse...". Dizemo-lo com magua a esses dois artistas, que o são efectivamente, Alexandre de Azevedo e Ilda Stichini, e cuja época tem marcado pela bela orientação que lhe têm imprimido.

Victoriano Braga, escritor experientado, tem também o seu quinhão de responsabilidade. Porque escolheu esta peça? Ilda Stichini é talvez a menos culpada se atentarmos em que se sacrificou fazendo representar em sua festa "Para fazer-se amar loucamente...". E, digamos, só o seu grande mérito de comediante conseguiu adormecer o público, que por vezes exteriorizou a sua contrariedade. O trabalho de Ilda é um trabalho consciencioso em que a actriz traz o talento e o seu esforço em valorizar o que o pouco presta!

O talento de Ilda Stichini venceu positivamente toda aquela amalgama de cenas disparatadas, sem cor, sem naturalidade, como Alexandre de Azevedo o fez também, com a sua tradicional correcção e saber de artista. Raul de Carvalho continuou a manter o seu crédito de actor estudioso que procura, e consegue, insinuar-se nas plateias. O resto dos artistas fez positivamente um "frete". A encenação de Alexandre de Azevedo muito boa. A tradução de Victoriano Braga muito correcta, embora às vezes pouco equivalente.

Nogueira de BRITO

Hoje e amanhã, em "matiné" e "aséres", dá os seus últimos espectáculos, no Teatro Salão Foz, a formosíssima completista e bailarina Fabiola.

Continuam em pleno sucesso a gentil cancionista Diamara e o fenomenal artista Rodrik, o homem que brinca com a electricidade.

Exibe-se hoje, pela última vez, o notável "filim" "As perolas do Dr. Talmadge". Está já anunciada para muito breve a bailarina internacional Odette Wanda.

Uma criança ferida

Na enfermaria infantil do Hospital da Estefânia, deu entrada Miguelina da Assunção, de 6 anos, natural e residente nos Cadafais, Alenquer, que ali deu uma queda ficando muito ferida na cabeça.

TIVOLI

Telefone 11.5474

MATINÉE ÀS 3 HORAS

SOIRÉE ÀS 9 HORAS

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

Aves de Arribação

Drama em 8 partes, extraído da famosa peça de Maurice Donnay e Lucien Descaves, *Oiseau de Passage*, com France Dhelia e Lucien Dalsace

Mariposas

DE

Music-Hall

Alta comédia em 6 partes, com Dorothy Devore, Luisa Fazenda e William Louis

Uma ciné-farça

Revista de actualidades

AMANHÃ:

Duplo Amor

com NATHALIE LISSENKO

NA PENITENCIÁRIA

Como se explora com o trabalho dos reclusos

Recebemos de um recluso na Penitenciária de Lisboa a seguinte reclamação:

Existem nesta Cadeia algumas oficinas de marcenaria exploradas pela direcção, as quais, devido a muitas irregularidades cometidas pelos seus dirigentes e mandatários, todos leigos em matéria profissional, encontram-se quasi no iníquo. Há dias, o director, pretendendo, talvez, desenvolver as oficinas, e querendo saber quais os lucros, mandou construir uma mobília, em estilo inglês para experiência. Mandando comprar todos os materiais precisos, ordenou a dois reclusos que executassem o trabalho e que trabalhassem de empreitada, sob promessa de todo o ganho da mobília, que era composta das seguintes peças: guarda-fato, *psyché*, lavatório, cama, duas mesas de cabeceira e duas cadeiras. Pronta a mobília, e pagas todas as despesas, incluindo a jorna dos dois reclusos a 6\$70 por dia, deu de ganho 70\$900.

Em vista do que o director tinha prometido, um dos reclusos foi reclamar junto do fiscal, não o ganho da mobília porque achavam muita fatura, mas sim apenas 100\$00 para cada um. Não o entendeu assim o sr. fiscal, que não só não o atendeu como ainda influiu junto do director para que não cumprisse a palavra que tinha dado, acabando por suspender o trabalho e por fazer encerrar a ala. Isto vai contra o regulamento penitenciário que, num dos seus capítulos, diz que nenhum recluso poderá estar sem trabalho.

Indo o referido recluso reclamar junto do director, este respondeu-lhe que se fosse embora, caso contrário mandá-lo a meter numa cela.

E é com estas medidas que se pretende tornar homens úteis à sociedade, explorando-os, roubando-os na alimentação que é exigua e péssima, metendo-os, para mais rapidamente terminarem a existência nas celas subterrâneas durante 30 dias, sem ar nem luz. Para maior infâmia, collocaram mais umas chapas de ferro que ficam tapando alguma fenda por onde entraria algum ar.

Tudo isto e muito mais é motivado pela razão de o director não ter vontade própria. Deixa-se suggestionar por alguns guardas que andam sempre a rodé-lo, pedindo todo o rigor para os presos.

História Universal del Proletariado

"Vinte siglos de opresion capitalista"

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra a venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fasciculo de 48 paginas 1000; pelo correio, registado, 1050.

Estão publicados os seguintes fasciculos:

1.º — "La era de la esclavitud";

2.º — "La rebelión de Espartaco";

3.º — "Abolición de la esclavitud";

4.º — "Abogecion y Servidumbre";

5.º — "La revolución de los siervos";

6.º — "La miseria de los agricultores";

7.º — "Transformacion del Poder Feudal";

8.º — "El comunismo cristiano";

9.º — "Los miserables en la Edad Media";

10.º — "La libertad ilusoria";

11.º — "La agonia del absolutismo";

12.º — "El trabajo motor universal";

13.º — "El imperio de la guillotina";

14.º — "Las ideas sociales y la revolucion francesa";

15.º — "Los primeros tiempos del salarido";

16.º — "Horribles matanzas de Comunistas";

17.º — "La Republica Española y la classe obrera";

21.º — "La Primera Int-ernacional";

22.º — "El socialismo ante el Parlamento español";

23.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

24.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

25.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

26.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

27.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

28.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

29.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

30.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

31.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

32.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

33.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

34.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

35.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

36.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

37.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

38.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

39.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

40.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

41.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

42.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

43.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

44.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

45.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

46.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

47.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

48.º — "El futuro obrerista profetizado por Castelar";

Últimas notícias

Incêndio

Pela 1 e meia de hoje, na rua Garrett, 47, 3.º, residência de Elvira Moraes, arderam um colchão, roupas e um biombo tendo ficado bastante queimados, quando tentavam apagar o fogo, Delfim dos Santos e Manuel dos Santos, que receberam curativo no hospital de São José.

Motivou o fogo o facto de estarem limpando o colchão com um líquido inflamável.

Compareceu material dos bombeiros municipais e voluntários que não chegou a prestar serviço.

Agressão a tiro

Em Caselas foi esta madrugada agredido com um tiro por um sargento da guarda fiscal o comerciante Francolino Henriques, 41 anos, morador na rua da Lapa, 97, 2.º, que recolheu à Sala das Observações do hospital de São José.

"A Batalha" na provincia e arredores

Lamego

A grande estiagem

LAMEGO, 17. — Tem continuado a grande estiagem nesta região o que tem causado grandes prejuízos à agricultura e à indústria e que trará como consequência funesta a falta de trabalho nos campos na época que se aproxima: o inverno.

Por mais preces que os tunsurados façam a pedir chuva, as águas do céu não caem, pois o Deus dos católicos apostólicos romanos faz ouvidos de mercador, não se importando com estas ninharias. A padralhada deste burgo deve estar furiosa pela conduta do *chefe*, pois ficaram desmascarados perante os crentes, por não verem satisfiços os seus rogos e não verem retribuídas as suas promessas ao divino.

A indústria mecânica, deste burgo, que bem pouco é, não tem podido trabalhar de dia, o que tem feito de noite, pois a Companhia Hidro Eléctrica do Varosa só pode fornecer energia à noite, devido à estiagem. Na agricultura os prejuízos são enormes, havendo menos vinho devido às uvas estarem sequíssimas. Com todos os outros géneros sucede a mesma coisa.

Vendas Novas

Incêndio numa fábrica de cortiça

VENDAS NOVAS, 17. — Hoje, pelas duas horas da madrugada manifestou-se um violento incêndio na fábrica de cortiça, pertencente à firma Borrego & Irmão, devorando por completo um barracão de grande extensão onde estava a prensa, e grande quantidade de fardos de cortiça já fabricada.

O fogo foi atacado por civis e militares, conseguindo-se evitar que comunicasse a uns palheiros que ficam contíguos à parte incendiada, bem como várias casas de habitação.

O barracão havia sido reconstruído há pouco tempo, por ter sofrido igual sinistro há cerca de um ano, pondo também em risco as habitações próximas, como agora.

A hora em que escrevemos desconhecemos-se as causas do sinistro, cujos prejuízos que são elevados estão cobertos, segundo consta, por uma companhia estrangeira, de que a firma sinistrada é agente.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PÚBLICO

Ampliação do 5.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V.

Concessão especial

Pelo presente se faz público que esta Companhia concede aos consignatários que, durante o prazo máximo de um ano, contado da data da primeira remessa, tiverem recebido, ao abrigo da Tarifa Especial Interna n.º 1 de pequena velocidade, remessas de resinas de pinheiro, em bruto ou refinadas; borras de resina: *pega vegetal* ou mineral; colofónio; *pez* leuro ou negro; *agua*; *agua*; *essência* de terebentina e terebentina seca, por expedições de vagão completo ou pagando como tal, quando destinadas a exportação pela barra do Douro ou pelo Porto de Le



Deus em perigo!

Fecisti tibi prostibulum in cunctis plateis... Et divisisti pedes...

EZEQUIEL, XVI-24

Deus não está seguro, afirmou eu. Para as almas piedosas que, pelo facto de rezarem o terço, írem à missa e comprarem a bula da cruzada, julgam o seu Deus perfeitamente seguro, estas palavras soarão como um grito blasfemo.

Outro tanto não pensará, porém, Vossa Eminência. E porque não pensa e não discorre como essas? Porque tem da vida e da fé aquela certa e segura noção que só os anos e a experiência trazem.

Quantas vezes, com efeito, não terá V. Eminência dito nas suas admoestações ao clero, transviado pelas doutrinas deste século de progresso enganoso, que se eles não mudarem de rumo e de conduta, a barca de Pedro vai ao fundo?

Se eu próprio o tenho lido nas pastorais diocesanas! Se o *Boletim Paroquial* o vem dizendo, há não sei quantos anos, e cada vez com mais alocuciones gritos de socorro!

E tem razão: Deus não está seguro. Porque não é o Rev. Pinheiro, na paróquia de Alcântara, que o segura. Não! Esse, useiro e vezeiro em criar, para Deus, situações difíceis, como a de 1910, em que o comprometeu e o perdeu (1), torna agora a pôr em risco Aquele que V. Eminência, há tempo, para lá lhe mandou.

Já começaram as novidades; já voltaram as senhoras condessas, carregadas de trouxas. As sirgaitas do bairro andam já, novamente, a gomar os paninhos e a vestir as imagens; as coristas começam organizando festas, a grande instrumental, e — sintoma aterrador! — as donas de casa já não põem o almodor na mesa sem que os maridos percam a paciência, estrugindo tudo com berros e ameaças que não se dirigem apenas aos ouvidos e partes vulneráveis de suas desastadas metades; esses grãos e ameaças são também para que os ouzós do cidadão Reverendo. Não igualmente para Deus.

E não estando ele seguro em Alcântara, bairro populoso, trabalhador e bem policiado, onde é que o estará?

Na paróquia de Santa Isabel, com o Padre Farinha? V. Eminência sabe muito bem que não. Porque não é ele, também, com os seus conciliabulos e novenas quem o segurará. Pelo contrário: quanto mais pregar mais despreza. E de tal modo que, procurando equilibrar a barca do Senhor, outra coisa não tem feito senão entortá-la e despenhá-la no abismo.

Infeliz missionário que tanto mais marta no pecado quanto mais o pecado medra e sobe pelas almas. E subindo o pecado, claro está, sobe o risco de Deus!...

Que é não o desconhece. Lá por ser baixo, nem porisso deixa de vir, por cima... Entretanto, o que faz esse Farinha para debelar o perigo? Ordena preces públicas? Preceitua o jejum e a castidade? Aplica o cilício e a excomunhão? Não, venerável cardeal. Vendo Deus em perigo, convida... as senhoras vizinhas.

Como, porém, estas lhe não garantam ainda a firmeza do altar, e-llo batendo a outras portas. Porisso nós vemos hoje, rondando o templo, não a polícia de pistolas e carabinas apertadas, mas — *horrible dicta!* — as alunas do Conservatório, das Escolas Normais e do Liceu Maria Pia, bem como grande número de coristas que, à noite, nos teatros, fazem com que muitas almas cándidas e boas sejam feridas pelo aguilhão do pecado!

Essas moças, com efeito, parece estar agora confiado o ensino da doutrina cristã, a ornamentação dos altares, a distribuição da água benta e a guarda das sagradas imagens!

E aqui nova pergunta sobre aos lábios: concorda Vossa Eminência com semelhantes cultuais? Confia-lhes o Templo, a Eucaristia, o Corpo do Senhor, o Anjo da Guarda, qualquer dos anjos, emfim, que a igreja tem para nos guiar ao céu?

Ah! Sr. D. António: é porque as não conhece. Mais lementes a Deus, mais instruídas no catecismo e menos recaladas na malícia eram as mulheres da Idade Média: a igreja não lhes confiava nada, quanto mais o Deus vivo!

Esse, nem mesmo as freiras dos conventos, como Vossa Eminência pode ver na sessão XXV, cap. X, do Concílio de Trento: *Sanctissimus Christi Corpus intra chorum vel sedem monasterii, prohibet sancta Synodus.*

E, veja, estas eram esposas do Senhor. Torturavam a carne com jejuns que duravam às vezes meio ano, sem um dia de gordo, e com cilícios de ferro dentado, em malha tão compacta e tão flageladora, que ia do tornozelo até à nuca!

Ora se a Igreja não confiava então a guarda do Senhor à castidade dessas santas, que jejuavam sempre, que confessavam tudo, comungando todas as madrugadas e não deixando nunca de chorar pelas almas dos mortos; se a Igreja desse tempo, em que Deus estava sempre tão seguro, só o confiava aos sacerdotes de irrepreensível conduta, espiritual e carnal, como há-de Vossa Eminência confiá-lo ao Farinha, às catequistas e rabequistas dos já citados estabelecimentos de ensino oficial?

Elas, que nunca cingiram os rins com um cilício, ainda o mais inofensivo, o que toda a gente usa, o de arame farpado com uma simples ida e uma volta igualmente inofensiva e simples! Elas, que nunca arranharam a cara com pentes de ferro em brasa, para se tornarem ristes e disformes aos olhos do pecado, embora alegres e formosas à vista do Supremo Senhor!

Pobre bom Deus, em que mãos foi cair! Dirá Vossa Eminência: «Resta-me o D. João de Mitilene, com as suas gazetas e homilias».

Como os grandes da terra facilmente se iludem!

Quem lhe disse, Cardeal, que esse moço levita anda no melhor campo, lançando à terra o melhor grão?

Leia a *Vida Católica* e o *Boletim Mensal*, e depois diga-me se é assim, entre aquelas mulheres, muitas delas com automóvel e chauffeur, que Deus anda seguro...

Profanatis sanctuarium, dir-lhe-ia o Salmista, se cá pudesse voltar e o visse no templo, cercado pelas catequistas, pelas irmãs das catequistas, pelas primas das catequistas, pelas vizinhas das catequistas.

De manhã diz a missa. Quem lhe assiste? As catequistas. Vai às 11 pregar. E quem o

escuta? As catequistas. A tarde expõe o Santíssimo. Com quem então os coros? Com as senhoras catequistas. Com quem ressa a novena? Com as senhoras catequistas. Quem lhe fornece o trem para as visitas? As mesmas catequistas. E a quem faz ele essas visitas? Ainda e sempre às catequistas.

Perguntará V. Eminência: «Mas essas catequistas quem são? que fazem? que pretendem?»

Senhor! Também eu o não sei. Apenas sei que são mulheres, que ajudam o sr. arcebispo, que visitam o sr. arcebispo e que o sr. arcebispo as visita. Sei ainda que muitas delas são lindas raparigas, embora por lá haja também algumas velhas hediondas. Além de que andam todas no rigor da moda e quando não têm missa, catequese ou sermãozinho do arcebispo, descem pelo Chiado até à Baixa, passeando os seus luxos!

Assim, no mesmo dia, com o mesmo vestido e a mesma cara, falam a Deus Nosso Senhor e aos rapazes da Escola de Guerra. O *lorgnon* com que V. Eminência as vê focando as cinco chagas e que supõe um acto de infinita ternura, é o mesmo com que miram e iludem os tolos que, às 5 da tarde, saem das repartições e das casernas.

Ao vê-las passear nas avenidas novas, pela rua do Ouro ou roçar-se nos apertos do Grândela, V. Eminência há de julgar, talvez, que são as garotas do *Eden* ou da rua dos Condes. Não, Eminência! São as mesmíssimas do sr. arcebispo.

Aqueles chapelinhos de veludo, aquelas fitinhas multicores, aquelas malinhas pequeninas, redondinhas, são as mesmas que se vêem na Sé, que vão à Graça, que visitam o Farinha, que descem a Santos, seguem a São Paulo e tornam a subir ao Bairro Alto na cola do sr. arcebispo que, como V. Eminência não ignora, anda por toda a parte, no amanho da vinha.

Mas eu tremo, Eminência, pelo futuro do Senhor Crucificado! Eu tremo pela Igreja, pela santidade dos seus dogmas e sobretudo pela tradicional pureza dos seus costumes.

Porque essas catequistas há muito que perderam a noção das virtudes cristãs. A sua audácia chega a ponto de se apresentarem ao Santíssimo, para resar, talqualmente se apresentam à noite no Ginásio, para se divertirem e nos tentarem...

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que tã-la a mesma é que não a tem: tudo se vê a olho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pergunto agora: Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladões que a Igreja se fundou e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies do vinho e do pão, no augusto mistério da santa eucaristia?

Tomás da FONSECA

CASA Empregado comercial precisa de quarto mobiliado ou parte de casa, em casa de camarada, entre Belém e Alcântara. Carta a este jornal.

Rendimentos dos operários

Trabalhador colhido por uma vagoneta

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e recolheu a casa Adriano Marques, de 21 anos, natural de Lisboa, trabalhador, residente em Telheiras de Cima, 55, que na fábrica cerâmica, em Telheiras, foi colhido por uma vagoneta, ficando ferido na perna direita.

Padeiro apanhado por uma engrenagem

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo José Oliveira Novo, de 21 anos, natural de Aveiro, padeiro, morador na rua de Santa Bárbara, 73, loja, e que na fábrica Nacional de Alimentação, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando ferido na mão direita.

Outro operário colhido por uma vagoneta

Também recebeu curativo No Banco do Hospital de São José, José de Oliveira, de 31 anos, servente na Fábrica das Conchas, residente na rua de Marvila, pátio 6, e que, na mesma fábrica foi colhido por uma vagoneta, ficando contuso pelo corpo.

Carpinteiro naval caído ao rio

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo Júlio Luis, de 18 anos, natural e residente na Mutela (Almada), carpinteiro naval, que caiu de uma prancha na doca de Alcântara, ficando contuso pelo torax. Recolheu à enfermaria de Santo Alberto do hospital de São José.

Marítimo que cai ao rio

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado Joaquim Pedro, de 54 anos, natural e residente em Cezimbra, marítimo, que, a bordo de uma fragata atracada próximo de Belém, caiu de uma prancha, ficando ferido na cabeça.

CRISE DE TRABALHO

Compositores Tipográficos

A comissão que trata da situação dos tipógrafos desempregados reúne-se hoje, pelas 14 horas, para apreciar alguns trabalhos e tomar nota do número certo dos sem trabalho.

Por tal motivo, mais uma vez lembra a conveniência de se inscreverem todos aqueles que se encontrem nesta situação.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Orania» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência às 8 horas.

LUTA DE CLASSES

Os Empregados no Comércio de Coimbra transigem com os patrões àcerca do horário de trabalho

Em vista das autoridades locais estarem na disposição de modificar o regulamento do horário de trabalho dos empregados no comércio, tem andado a numerosa classe dos caixeiros justamente alarmada, com o receio de que lhes seja cerceada aquela regalia.

Para se tratar deste momento assunto, a direcção do Ateneu Comercial (Associação dos Empregados no Comércio) convidou a classe para uma sessão magna, que teve lugar no dia 16, pelas 22 horas, com regular concorrência.

A sessão foi presidida por Abílio Augusto dos Santos, secretariado por Armando Ferreira e José Andrade.

Pelo presidente da direcção é apresentada à assembleia uma proposta que lê e justifica, na qual propõe que a classe autorise a direcção a negociar com a Associação Comercial e autoridade local um entendimento, que consiste em os empregados no comércio transigirem em trabalhar no verão mais uma hora, isto é, saírem às 20 horas, em troca do compromisso tomado pela Associação Comercial e pelas autoridades de que o encerramento dos estabelecimentos será feito rigorosamente às 19 horas no inverno e às 20 no verão.

O presidente argumenta, em defesa desta proposta, que assim se conseguirá pôr em prática uma medida que até hoje ainda não se conseguiu ver realizada, não obstante haver uma lei que regulamenta o horário do trabalho — o encerramento obrigatório dos estabelecimentos comerciais.

Até hoje, diz, nunca se conseguiu do comerciante o encerramento geral das casas de comércio, o que tem dado como resultado de só uma pequena minoria de caixeiros beneficiar do horário, pois que a grande parte via-se obrigada a permanecer nos estabelecimentos a bel prazer dos patrões.

De nada têm valido fiscalização, nem multas, pois que quando estas iam para o tribunal, por os patrões se recusarem a pagá-las, eram dadas como improcedentes, pois que os juizes declaravam inconstitucional o encerramento obrigatório.

E' sua opinião que uma vez negociado um acordo com a Associação Comercial e autoridade, embora a classe perca a regalia duma hora durante os 5 meses considerados de horário de verão, tem, em compensação dessa transigência, o compromisso da parte do patronato e da autoridade do encerramento obrigatório e a plena certeza de que todos os colegas gozarão dos benefícios do horário.

Depois do presidente expor a maneira de ver da direcção sobre este assunto, pede a palavra Franklin da Costa Leite, que discorda do critério da direcção, dizendo que o único caminho que está indicado à classe é o de reivindicar o integral cumprimento do horário de trabalho. Critica a orientação que a direcção tem dado a este assunto. Embora reconheça facilidades de trabalho aos seus membros, não tem a direcção, a seu ver, procedido de molde a defender os interesses da classe.

Diz que a lei do horário de trabalho e o encerramento obrigatório dos estabelecimentos não é inconstitucional, pois que a lei foi aprovada no parlamento e o regulamento foi sancionado pela câmara municipal, conforme manda a lei.

A classe mesmo, nada tem que ver com as interpretações diversas que se fazem à lei. O único caminho que à classe está indicado é apenas o da defesa integral do horário.

Repudia o acordo que a direcção preconiza com elemento da Associação Comercial e autoridade. Diz que o presidente da Associação Comercial não é criatura em quem a classe possa confiar, pois que atinge por aquele indivíduo mantidas anteriormente, sem provas de sobejo da sua má fé, além de que com um delegado defensor dos interesses patronais toda a cautela será pouca.

Algumas afirmações de Franklin Leite arrancam protestos a elementos affectos à attitude da direcção, estabelecendo-se, por vezes, forte confusão, sendo o orador interrompido com constantes apertes.

O orador termina por enviar para a mesa a seguinte moção: «Considerando que a actual direcção do Ateneu Comercial não quer fazer prevalecer integralmente o horário de trabalho, estando disposta a fazer acordos que menosprezam os direitos adquiridos; a assembleia resolve: deixar recair sobre a direcção todas as responsabilidades do futuro.»

Posta à votação a moção de Franklin Leite é reprovada por maioria, tendo, no entanto, o presidente da direcção notificado previamente à assembleia de que se a moção fosse aprovada a direcção pediria a demissão dos seus cargos.

Foi, por conseguinte, autorizada a direcção do Ateneu a entrar em acordo com a Associação Comercial, levando a classe a abdicar duma regalia, que se a não tem sabido defender e obrigar a pôr em prática, é exactamente pela sua organização de classe ser deficiente.

Serão os membros da direcção do Ateneu animados de boas intenções, não o duvidamos. Isso não impede, porém, que discorramos da orientação dada a este assunto de primordial interesse para a classe. A direcção do Ateneu vai abrir um precedente perigoso para o futuro da classe, transigindo com os representantes da Associação Comercial e da autoridade. Atraz desta regalia quantas irão depois?

Crê a direcção do Ateneu que, depois de firmado este acordo, o encerramento será rigorosamente cumprido, pelo compromisso tomado pelo patronato e pelas autoridades, quer seja nocturno ou diurno, os operários que delas fazem profissão têm 8 horas de trabalho. Nesta indústria, onde não existe horário de trabalho, é a sua laboração de dia e de noite executada pelos mesmos operários, devido às más condições em que está regulamentado.

Quando regulamentado o trabalho diurno, o pão será melhor fabricado, mais saboroso e o consumidor come-o mais fresco, visto que se está fabricando, cozendo e vendendo.

Esta exposição tem sido feita a todos os

Em nosso ver o único caminho que a direcção do Ateneu tinha a trilhar era o de estabelecer o devido alarme na classe e tratar de a preparar para lutar em defesa do horário de trabalho.

Se a classe não correspondesse ao apelo da direcção, se se conservasse indiferente, a direcção, embora nada iizesse, tinha ao menos a satisfação do dever cumprido.

Porque os membros da direcção do Ateneu parece que desconhecem que as regalias nunca são dadas voluntariamente pelo patronato, mas sim conquistadas, arrancadas ao cabo de muita luta e do labor de gerações inteiras e que só as classes que sabem reivindicar com energia e altivez os direitos a que têm jus é que conseguem que esses direitos nunca sejam postergados.

E' isto que os dirigentes do Ateneu Comercial parecem desconhecer ou esquecer lamentavelmente, infelizmente para eles e para a classe cujos destinos têm em mãos.

Operários da Construção Civil que estão traíndo inconscientemente o horário de trabalho

Alguns operários da Construção Civil pedem-nos para que critiquemos a attitude inconsciente de alguns operários da Construção Civil que trabalham numa obra que se está procedendo no prédio do proprietário João Machado Feliciano, na rua Bordoalheiro.

Esses operários, que andam por conta do encarregado Joaquim Rama, da Adémia, não cumprem o horário, pois trabalham quasi todos os dias até à noite. Para admitir ainda mais é que entre os «furadores» do horário, esteja o operário Carlos Carvalho Eiras, de Fala, que antigamente era um grande preconizador do dia de 8 horas, o que agora está desmentido com a sua pouca digna attitude.

E' lamentável que haja ainda operários que levem a sua inconsciência a ponto de se prestarem a traír a regalia mais cara dos trabalhadores — o dia das 8 horas. Mais revoltante é ainda este gesto ser feito numa época de crise de trabalho e em que há operários que não têm em que empregar a sua actividade, enquanto outros andam a trabalhar de sobra a troco duns míseros vinténs que recebem a mais.

E' necessário que esses operários reconheçam a pouca nobreza da sua attitude e procedam com a necessária ombridade de operários conscientes, trabalhando apenas a jornada que lhes compete, ou sejam as 8 horas.—C.

Os corticeiros da Fábrica Gork obtêm vitória parcial

Os corticeiros da fábrica General Gork, que se encontravam há longos dias, em greve, obtiveram a satisfação parcial das suas reclamações. O sindicato dos corticeiros de Lisboa apreciou o conflito na sua última assembleia geral, nomeando uma comissão que se avistou com a gerência da fábrica General Gork, saindo dessa entrevista a terminação do conflito.

Pró-trabalho diurno nas padarias

Realiza-se hoje, pelas 17 horas, em Santarém na sede do Sindicato dos Manipuladores de Pão daquela cidade, uma sessão pró-congresso do Ramo da Alimentação, à qual assistirá um delegado de Lisboa. Para essa reunião distribuiu, o referido Sindicato, um manifesto-convite do qual extratamos as seguintes passagens em defesa da regalia do trabalho diurno nas padarias:

Deveis ter já conhecimento da obra dos nossos camaradas manipuladores de pão da Bélgica; acabam de conquistar uma grande regalia, aquela que é a nossa aspiração há muito tempo: o trabalho diurno.

Deve encher-nos de alegria, camaradas, e dar-nos coragem e tenacidade para a luta a vitória dos nossos camaradas belgas.

Sigamos nós, manipuladores de pão de Santarém e nucleos, o caminho dos nossos camaradas belgas; vamos como um só homem, por esse país fora, mostrar ao povo o que é o trabalho nocturno nas oficinas de panificação.

Há dias, no jornal «A Informação», vinha uma pequena local tratando do trabalho diurno e condenando-o acremente. Se o dito jornal antes de fazer apreciações se desse ao cuidado de investigar dos motivos que levam os Sindicatos dos operários manipuladores de pão do país a exigir do governo a abolição do trabalho nocturno nas padarias e quanto essa medida se torna benéfica e necessária, tanto sob o ponto de vista técnico como sob o igienico para o consumidor, talvez não fizesse apreciações desfavoráveis mas sim sêrias, como toda a imprensa devia ser, um acérrimo defensor dessa medida. Mas os Sindicatos dos Operários Manipuladores de Pão de todas as regiões do país, que estão ligados pelo mesmo pensamento e como lhes cumpre o dever da defesa do estômago do povo, porque têm família e também são consumidores, não mais largarão os poderes do Estado enquanto lhes não fizerem justiça, abolindo o trabalho nocturno nas padarias.

Diz ainda o mesmo jornal que, aceitando como boa esta medida, teriam que parar os comboios e não haveria jornais, visto que o trabalho nestas indústrias é feito de noite.

Não desconhece o cidadão periódico que nas indústrias acima citadas, não é em nada lesado o consumidor porque o trabalho, quer seja nocturno ou diurno, os operários que delas fazem profissão têm 8 horas de trabalho. Nesta indústria, onde não existe horário de trabalho, é a sua laboração de dia e de noite executada pelos mesmos operários, devido às más condições em que está regulamentado.

Quando regulamentado o trabalho diurno, o pão será melhor fabricado, mais saboroso e o consumidor come-o mais fresco, visto que se está fabricando, cozendo e vendendo.

Esta exposição tem sido feita a todos os

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão administrativa
Reúne-se amanhã, pelas 21 horas, para vários assuntos importantes.

Câmara Sindical do Trabalho
DE LISBOA

Conselho de Delegados

Depois de amanhã reúne o Conselho Geral de Delegados, a fim de se proceder à nomeação de comissões constantes do parecer da Comissão Instaladora, recentemente aprovado no conselho desta Câmara.

Escusado será encarecer a importância do Conselho a reunir depois de amanhã, visto que dele deverão sair as comissões que irão pôr em prática os trabalhos enumerados no referido parecer.

Aqueles sindicatos, que ultimamente lhes foi enviada nota das suas faltas de representação aos Conselhos da Câmara e que não evitaram ainda, a continuação das mesmas faltas, lembre-se o dever de não protelarem por mais tempo os trabalhos desta Câmara, sabido como é que esta nada de prático poderá realizar sem o concurso de todos os delegados. Os Compositores Tipográficos também não compareceram a nenhuma das sessões em que se discutiu o «parecer», attitude esta que poderá ter-se como proposital, visto que, antes dessa discussão, eram os delegados dos Compositores Tipográficos os mais assíduos às reuniões do Conselho, como se constata pelo livro de presenças.

E como este sindicato completou mais de três faltas, a Comissão Instaladora envia nesta data e em harmonia com o estatuto da Câmara uma circular idêntica à enviada aos outros sindicatos recentemente.

Os assuntos horário de trabalho, crise de trabalho, inquilinato e unidade sindical são assuntos de tão capital importância e importância, que se não comparecerem com o indifferntismo alguns sindicatos, sendo necessário que todos se comprometam que há necessidade de lançarmos mãos à obra e consequentemente o dever de todos comparecerem na reunião do Conselho de depois de amanhã.

COMUNICAÇÕES

Corticeiros de Lisboa. — Em assembleia geral, apreciou a crise de trabalho e a carestia da vida. Foi resolvido enviar ao governo um telegrama protestando contra a carestia da vida e outro reclamando que sejam tomadas providencias no sentido de tentar a crise de trabalho da indústria.

Foi discutido o parecer da comissão instaladora da Câmara Sindical do Trabalho, aprovando-se a proposta de emenda referente à questão do inquilinato e uma outra referendo-se a unidade sindical.

Foi repeliada a circular enviada por um suposto grupo de anarquistas, sendo devidamente considerada a circular da C. G. T. Foi nomeado um delegado à sessão solene que se effectua no sindicato metalúrgico.

Litógrafos e anexos. — Reuniu a Comissão Administrativa para tratar de vários assuntos colectivos.

Tomou conhecimento dos seguintes casos: Que a oficina litográfica da casa Amorim havia sido encerrada por falta de trabalho, constando-se porém que tal versão não condiz com a attitude tomada por Henrique Vieira Pires, empregado como transportador na Geodesica, pois tem ido a essa casa executar alguns trabalhos prejudicando desta forma o litógrafo lá empregado. — Que Viriato da Fonseca está tomando uma attitude dentro da litografia Mata, onde se collocou ultimamente, pouco correcta, para com os camaradas lá

ministros que na pasta da Agricultura se têm sucedido e voltando-o já a ser feita o actual ministro pelo seu chefe de gabinete que tem empregado todo o seu esforço no sentido de que em breve essa medida de utilidade pública seja um facto em todo o país, na indústria de panificação».

Refinadores de Açúcar

Reuniu-se esta classe para tomar conhecimento das «démarches» effectuadas junto dos industriais de refinarias de açúcar sobre as reclamações que a classe exige.

Falaram diversos camaradas da comissão de melhoramentos expondo à classe o propósito dos industriais de não atenderem as reclamações da classe.

Usou também da palavra um delegado da comissão organizadora da Federação do Ramo de Alimentação que aconselhou a classe a resistir contra as prepotências dos industriais de refinarias de açúcar.

Diversos oradores da classe em luta incitaram os seus camaradas a que não retomassem o trabalho enquanto as reclamações não fossem atendidas. Por último foi resolvido que as comissões não procurem mais os industriais, mas sim os patrões que venham procurar os operários.

A classe torna a reunir-se na próxima segunda-feira, pelas 19 horas. Nenhum camarada deve atiarçar o nosso movimento.

Prevenção aos compositores tipográficos

A direcção da Associação dos Compositores Tipográficos previne todos os componentes conscientes da sua classe, de que não devem aceitar trabalho no «Correio da Manhã» enquanto o conflito ali existente não fôr solucionado.

Um campino que cai do cavalo

Na enfermaria de São Bernardo, do Hospital do Desterro, deu entrada José Baptista Pato, de 42 anos, campino, natural e residente em Vila Franca de Xira, e que ali caiu de um cavalo que montava, fracturando a perna direita.

empregados, originando conflitos e prejudicando com essa forma de ver os próprios interesses da casa. Este mesmo indivíduo acumula o trabalho de duas casas a pesar de haver camaradas desempregados devido à crise. — Que nesta mesma casa se estão fazendo turnos na impressão com o pessoal que trabalha as oito horas de dia, estando por conseguinte estes camaradas a dar margem a serem cerceadas regalias que tanto custaram a conseguir. Finalmente que na litografia de Lisboa as horas extraordinárias só são pagas a dobrar, como manda a lei, depois das 48 horas semanais completas, o que representa um cerceamento de regalias. Em face destes graves assuntos foi resolvido convidar em primeiro lugar a comparecer no sindicato os camaradas que têm de prestar esclarecimentos sobre estes assuntos e depois de ouvidos nomear-se uma comissão para ir até junto das entidades competentes para pôr còbro a estes abusos. Por último foi apreciada a marcha dos trabalhos na central dos sindicatos, aguardando esta comissão o resultado dos assuntos que se estão debatendo, para depois agir consoante os mesmos assuntos exigiam. — E' lida uma carta do camarada Raúl dos Prazeres comunicando esta doente e não poder comparecer à reunião da C. G. T., sendo substituído provisoriamente até à próxima assembleia geral por Joaquim Verdu.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE.

Federação Mobiliária. — Pelas 13 horas, junto à estátua Sousa Martins (Campo de Santana), a comissão de inquérito a Santos Arranha.

Pessoal do Município.—Caixa de Reformas. — Pelas 13 horas, a assembleia geral, no edificio da Câmara, para eleição do delegado dos operários.

A comissão administrativa lembra a todos os sócios a conveniência de comparecerem.

DIAS PROXIMOS

Federação Metalúrgica. — Prosseguem depois de amanhã, pelas 21 horas, os trabalhos do conselho federal.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato Metalúrgico do Porto. — Reuniu-se a comissão administrativa deste sindicato, que entre outros assuntos de carácter administrativo, apreciou vários expedientes, entre o qual um officio da Federação Metalúrgica, em resposta a um outro, enviado por este organismo. Depois de apreciado o seu conteúdo foi resolvido officiar. Resolveu reunir-se extraordinariamente para tratar de um assunto urgente, que se prende com a boa marcha do sindicato.

Para apreciar o relatório de contas do ano de 1925, assim como o Balancete do 1.º semestre do ano corrente, reúne-se em assembleia geral este organismo, na próxima quarta-feira 22 do corrente, pelas 21 horas, na sede central, sã a rua de Camões, 304, 2.º. Caso não assista número para funcionar, ficará transferida para a próxima sexta-feira, 24 do corrente, realizando-se com qualquer número de sindicatos.